

LUX WOMAN

www.luxwoman.pt

Robert Pattinson

A VIDA DEPOIS
DA TRAIÇÃO

CIÊNCIA
portuguesas ganham
PRÉMIOS
internacionais

VIAGEM
DORMIR EM
ÁRVORES

SEXO
fora do casamento
faz bem?
LUÍS PEDRO NUNES INVESTIGA

MODA
Casacos, vestidos e
acessórios de sonho



MALA DE FIM
DE SEMANA + €3,99



Rita Pereira

A ENTREVISTA QUE
SEMPRE QUIS LER!

O cinema, a vida, a carreira,
os amores, a dança e, sim,
as cirurgias estéticas - que não fez!

FAÇA O SEU CV
PARA ARRANJAR
EMPREGO

CABELO
Adeus, bad
hair days
(7 PROBLEMAS
RESOLVIDOS)

Aprenda a SIMPLIFICAR

JOVENS AGRICULTORES: VOLTAM À TERRA
ATITUDE: DESCOMPLIQUE
ENSINO: AULAS EM CASA





JOANA ASTOLFI

Apaixona-se por objetos e adota-os. Esta ressuscitadora de coisas esquecidas, que também é arquiteta, *designer*, curadora e líder cultural, sabe a história de cada uma das peças que tem em casa.

Por Ana Cícero Monteiro

Joana Astolfi dá uma vida nova a espaços e objetos remetidos ao esquecimento, recorrendo a um universo lúdico. Colecciona gavetas e portas antigas, cadeiras e candeeiros *vintage*. Adora as lojas da Baixa, as padarias, as mercearias, as lojas de carimbos, as drogarias que vendem tudo, os cabeleiros antigos e os douradores, deliciando-se com as memórias que enchem Lisboa. Vivia no Bairro Alto, mas a agitação noturna começou a cansá-la. Na atual moradia, apesar de estar perto do miradouro do Adamastor, local de reuniões noturnas, o sossego é bem



Toda a iluminação de casa é feita com candeeiros *vintage*, cuja luz se adapta criando o ambiente pretendido a cada momento.





A mesa de jantar, que já foi uma porta da LX Factory, acompanhada por cadeiras desfiladas, provenientes da exposição "100 anos da CUF", de Joana Astolfi.



O pequeno pátio da casa, que a arquiteta adora e que ostenta este delicioso "arebêlo", é onde ela toma o pequeno-almoço e recebe os amigos para churrascos.



maior. Das coisas de que mais gosta do sítio onde mora é do facto de ser central, porque se pode "ir a todo o lado a pé", e acrescenta: "Por acaso, é uma coincidência todos os trabalhos que tenho feito serem na zona do Chiado, aqui perto, mas funciona muito bem." A casa foi remodelada por um arquiteto e tem uma característica que lhe agrada particularmente: a sala é bastante grande. "Atualmente, tenho um estúdio na Rua da Boavista, na continuação da Rua de São Paulo (zona do Cais do Sodré), mas, ao início, fazia da casa também estúdio, e como esta sala tem portas de correr, permite que a isole da cozinha e dos quartos, o que me possibilitou receber aqui clientes. Também tem um pequeno pátio, o que é ótimo. Tive a hipótese de escolher vista de rio ou o pátio, e preferi o último, porque é muito agradável, seja para tomar o pequeno-almoço ou para fazer um churrasco, à noite." Desde pequena que Joana se interessa por objetos, mesmo sem valor histórico, desde que tenham uma história e que "falem", pelos quais se encanta. Por isso, é uma *habitue* da Feira da Ladra e de mercados, e está constantemente a adquirir material que usa mais tarde para fazer peças ou que coleciona em sua casa. "Não gosto do termo 'decoração'. Para mim, são objetos de arte que gosto de ter em casa", considera. Define a sua casa como "mutante", em constante renovação, porque é frequente os seus amigos comprarem coisas que tem na parede, que substitui por outras. "Os objetos entram e saem, embora, obviamente, haja alguns dos



Esta é uma casa em constante renovação, as peças entram e saem, ao sabor de quem se apaixona por elas e das novas adoções de Joana Astolfi.



A máquina de escrever antiga ainda se usa todos os dias, por graça, para escrever alguma carta.

quais não abdicio, porque têm um valor especial para mim. Não tenho muitas peças minhas na parede. Estão no estúdio e gosto de as ver na parede, sim, mas em casa de outras pessoas", garante.

Charme vintage

Praticamente nada do que tem em casa foi comprado em grandes armazéns. Os seus fornecedores de peças vão surgindo com algumas relíquias, outras são encontradas por ela nas suas expedições. A mesa da sala de jantar era uma porta da LX Factory e as cadeiras que a acompanharam vieram de uma exposição alusiva ao centenário da CUF. Dela ficou também com candelários, cinzeiros e máquinas de escrever, entre outro espólio. "Para expor tudo, precisava de uma casa com 500 m² quadrados", garante, e fala do prazer de saber que, se lhe apetece, pode escrever uma carta à máquina, ouvir o som das teclas que nos remete para quando os computadores não passavam de uma miragem, passar slides num projetor antigo ou pôr a tocar os velhinhos álbuns de vinil no gira-discos. Nesta casa, até a iluminação é atípica: "Não tenho um único foco. Vou acendendo os candelários que tenho, criando várias iluminações consoante as necessidades. São peças dos anos 50, 70, alguns de fábrica. Em todas as divisões tenho candelários e considero a iluminação muito importante: tem o poder de construir ou destruir um espaço. É um pequeno grande pormenor que faz um ambiente", conclui. ●